

**LETRAMENTO NO CONTEXTO INTERDISCIPLINAR:
PERSPECTIVAS
NO ÂMBITO DA REFORMA DO PENSAMENTO**

Hélen Ferreira Moreira (IFTO)
helenfmoreira@iftto.edu.br

RESUMO

Este artigo trata do letramento no contexto disciplinar, objetivando a construção da reflexão do pensamento alicerçado nos novos rumos educacionais. A linguística aplicada é observadora da linguagem como prática social, quer seja no contexto de aprendizagem de língua materna, quer seja de outra língua, ou em qualquer outro contexto, em que surjam questões relevantes sobre o seu uso. Ela é responsável pelo estudo dos campos de investigação transdisciplinar, de novas formas de pesquisa e de novos olhares sobre o que é ciência. O letramento é a ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou indivíduo, como consequência de ter-se apropriado da escrita, tem sido o foco das pesquisas em linguística aplicada. Apropriando-se do conceito de interdisciplinaridade, Fazenda (2001) diz que o homem que se deixa perpetuar numa única abordagem do conhecimento, vai adquirindo uma visão corrompida da realidade. No que diz respeito ao pensamento complexo, uma nova ótica, e rotas alternativas restauradoras do sentido, a proposta desse estudo fundamenta-se em um diálogo investigativo, sustentado nos novos paradigmas traçados pela necessidade de uma reforma do pensamento, tendo em vista a chamada educação do futuro (MORIN, 2003), pautada no ensino centrado na condição humana. Propomos aqui romper estruturas, bem como, alcançar uma visão unitária e comum do saber, considerando o ato de tecer e a complexidade das teias, na qual abarcam o conhecimento. Discutiremos, então, a viabilidade do Letramento escolar na perspectiva dos paradigmas emergentes.

Palavras-chave: Linguística. Letramento. Complexidade.

1. Considerações iniciais

Quando Paulo Freire propôs o “método dialógico” para a educação (FREIRE & SCHOR, 1987, p. 121-133), opondo-o aos métodos passivos e silenciadores de transferência de conhecimentos, ele tinha em mente uma educação atrelada ao diálogo como uma exigência existencial. Para Paulo Freire (1978, p. 93), o diálogo “é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se ao ato de depositar ideias de um sujeito no outro”.

O advento do interesse dos educadores brasileiros pelas ideias de Edgar Morin deve-se em grande parte à profundidade da dimensão do

caos educacional que vivenciamos. Trata-se da crescente complexidade e incertezas que dominam os horizontes da vida contemporânea de modo geral. No que concerne o pensamento complexo, as novas óticas e as rotas alternativas restauradoras do sentido; esse tem adquirido forças para a chamada educação do futuro, pautada no ensino centrado na condição humana.

No que diz respeito ao letramento, tal termo foi criado nos anos 80 instaurada no vocabulário de educação e ciências linguísticas. Diferentemente de *literacy*, cujo termo vem do latim e ganhou relevância na língua inglesa, retoma a ideia, não só de decodificação dos signos, e sim torná-la social. A alfabetização no Brasil trata somente da habilidade do ato de ler e escrever, sem levar em conta os aspectos sociais, culturais, políticos, cognitivos, linguísticos sociais, e até mesmo econômicos que se fazem necessários. (SOARES, 2009)

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1999) estabelecem que o ensino deva focar-se à realidade social dos alunos e, à luz desse postulado, a proposta deste estudo consiste em verificar o estudo do letramento, do ponto de vista da interdisciplinaridade, sobretudo, considerando a necessidade de uma reforma do pensamento, como apontada pelo do teórico Edgar Morin.

2. *Identificação da natureza da pesquisa*

Essa discussão, inserida na complexidade do paradigma emergente, assume postura indisciplinar, considerando a substituição de um pensamento “disjuntivo e redutor por um pensamento complexo, no sentido originário do termo *complexus*: o que é tecido junto” (MORIN, 2003, p. 89). Todavia, assumimos a noção de interdisciplinaridade como uma abordagem de pesquisa.

Confirma-se a premissa de Trindade (2008, p. 72) quando afirma que “a interdisciplinaridade apresenta-se como uma possibilidade de resgate do homem com a totalidade da vida”, dessa maneira, estudos nessa abordagem revelam-se promissoras “no desenvolvimento da ciência, em que o próprio conceito das ciências começa a ser revistos”.

Conforme Morin (2011, p. 15) “Há sete saberes fundamentais que a educação do futuro deveria tratar em toda sociedade e em toda cultura, sem exclusividade nem rejeição, segundo modelos e regras próprias a cada sociedade e a cada leitura”.

Delimitamo-nos a uma *abordagem qualitativa* e de caráter *bibliográfico*. As pesquisas de investigação qualitativas direcionam-se: “não busca enumerar ou medir eventos e geralmente, não emprega instrumental estatístico para análise dos dados; seu foco de interesse é amplo e parte de uma perspectiva diferenciada da adotada dos métodos quantitativos” (NEVES, 1996, p. 1). Sobre o parâmetro bibliográfico, ou de fontes secundárias, compreende-se bibliografia adotada para concretização da pesquisa em voga. “Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo que o foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas”. (MARCONI & LAKATOS, 2007, p. 171)

Para realização deste estudo, como abordagem teórico-metodológica, utilizaremos no âmbito do letramento, os trabalhos de Kleiman (2007) e Soares (2006, 2007, 2009); e Fazenda (1994, 2001) e Morin (2004, 2011, 2013) serão referências no campo da interdisciplinaridade.

3. A perspectiva social do letramento

Apesar da *Lei de Diretrizes e Bases da Educação* (1996) e de os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1999) indicarem que o ensino se vincula às práticas sociais, observa-se que muitos professores conduzem suas práticas no ensino tradicional mecanicista. O ensino sistemático de língua materna tem sido de fato, uma atividade impositiva, já que antecedentes culturais e linguísticos dos educandos não são respeitados pelo professor (BORTONI-RICARDO, 2005). A escola deveria prover novas possibilidades de experimentação que estão ausentes, nas situações mais tensas e competitivas, como as do local do trabalho.

A leitura é um dos principais meios que a escola dispõe para uma incessante busca ao letramento. Sabe-se que uma das grandes dificuldades dos alunos está ligada à proficiência na leitura, por isso, geralmente, alguns têm dificuldades em ler e entender de forma significativa os textos didáticos, enunciados de exercícios, dentre outros contextos linguísticos em todos os componentes curriculares. Em outras palavras, a não proficiência na leitura mancha todas as perspectivas positivas na vida escolar dos alunos, comprometendo o sucesso destes. Soares (2006) afirma que a formação de leitores em grande escala, por meio da escola, somente ocorrerá se houver uma prática de leitura com a oferta de bons materiais

escritos, instalação de bibliotecas e salas de leitura bem equipadas, além de uma adequada formação de professores-leitores.

Conforme Kleiman (2007, p. 4), a escola é uma agência de letramento por excelência, e deveria criar espaços para experimentar novas formas de participação nas práticas sociais e letradas, assim constituir múltiplos letramentos na vida social. Assumir o letramento como objetivo do ensino no contexto dos ciclos escolares implica em adotar uma concepção social da escrita, em contraste com uma concepção de cunho tradicional que considera a aprendizagem de leitura e produção textual, como a aprendizagem de competências e habilidades individuais. Por isso, a concepção de leitura e escrita forma um conjunto de competências e os estudos do letramento pesquisam as práticas discursivas, com múltiplas funções e inseparáveis do contexto em que se desenvolvem.

Na prática social envolve-se uma atividade coletiva com vários participantes que têm diferentes saberes e mobilizam (cooperativamente) segundo interesses, intenções e objetivos individuais e metas comuns. Na prática coletiva, o ato de soletrar, ler em voz alta, perguntar e responder, oralmente ou por escrito, fazer uma redação, fazer um ditado, analisar uma oração ou fazer uma pesquisa, constituem em processos coletivos que podem ser utilizados pelo professor.

O professor pode e deve ser o mediador da relação: interação – leitor – texto – autor, estabelecida no meio acadêmico, segundo Pêcheux (1983), sendo este processo de constituição do sujeito-leitor. Ainda segundo Pêcheux, as informações imaginárias antecipam as representações do receptor por parte do emissor e sobre elas recaem um quadro com uma série de estratégias.

Entendemos o letramento, dentro de uma amplitude social, como mediador entre o signo linguístico e a capacidade critico-reflexiva em compreender e depreender acerca do universo e a partir dele. O papel do letramento é substancial para que o leitor possa refletir, criticar e compreender o mundo exercendo o papel de cidadão a partir da leitura, porém, utilizando de seus saberes do mundo e das culturas locais. O mundo letrado é um mundo socioeconômico que empodera o homem e o torna humanitário, ecológico, globalizado, autônomo e coletivo.

4. Modelo autônomo e o modelo ideológico de letramento

O modelo autônomo focaliza os aspectos técnicos do letramento como independente do contexto social, uma variável autônoma cujas consequências para sociedade podem ser derivadas em seu caráter intrínseco. O texto é uma substância autônoma. Nesse modelo, a escola apodera-se de práticas de uso de escrita que são características à concepção de letramento dominante na sociedade. A leitura é percebida como um conjunto de habilidades linguísticas que vão desde a competência de decodificação de palavras até a capacidade de compreensão de textos escritos. A leitura é um processo de relacionar símbolos escritos a unidades de som, além de relacionar o processo de construção de uma interpretação de textos escritos.

Segundo Street (1993, p. 7), o modelo ideológico, diferentemente do modelo autônomo, estuda o letramento como prática social e seu relacionamento com outros aspectos da vida social, não o letramento em si mesmo. As práticas de letramento não estão unicamente relacionadas a aspectos culturais, mas também a aspectos de estruturas de poder. É importante salientar que este modelo não desconsidera as habilidades técnicas ou os aspectos cognitivos do letramento. Por isso, o modelo ideológico abarca o modelo autônomo, pois une os aspectos culturais e cognitivos das práticas de letramento.

O conceito de letramento coloca em cena uma gama de fatores que variam de habilidades e conhecimentos individuais a práticas e competências funcionais. De acordo com Soares (2007, p. 67), mesmo sob a perspectiva da dimensão individual, “é difícil definir letramento, devido à extensão e diversidade das habilidades individuais que podem ser consideradas como constituintes do letramento”.

5. Conciliação: letramento e interdisciplinaridade

Considerando os conceitos utilizados na esfera dessa pesquisa - em que como apontam Hamilton e Barton (1985),

o letramento é equiparado a progresso e, via letramento, os benefícios crescem para as nações e indivíduos. Por conseguinte, os níveis de letramento numa sociedade são postulados como correlatos positivos de todo e qualquer outro indicador de progresso social e econômico

– propomos uma interconexão entre letramento e a interdisciplinaridade. Para tanto, inicialmente, teorizaremos e apontaremos a trajetória da se-

gunda área referida, com a intenção de, à título de esclarecimento e aprofundamento científico, compreender a dinâmica desse campo teórico-metodológico e a possível relação com a primeira.

A interdisciplinaridade é preponderante no que concerne a sua capacidade de imprimir uma reflexão aprofundada, crítica sobre o funcionamento do cosmos, desenvolvendo a consolidação da autocrítica, inovando a pesquisa e aguçando criatividade. A interdisciplinaridade pressupõe um comprometimento com a totalidade no que tange as questões de alfabetização e letramento:

Interdisciplinaridade é uma exigência natural e interna das ciências, no sentido de uma melhor compreensão da realidade que elas no fazem conhecer. Impõe-se tanto a formação do homem como as necessidades de ação, principalmente do educador. (FAZENDA, 1994, p. 91)

Nesse caminho dialógico entre essas áreas, letramento e interdisciplinaridade, é que buscamos a comunhão de um movimento aberto, em um pensamento holístico, em que nada tenha um final. A interdisciplinaridade desperta no indivíduo a busca incessante do aprendizado que o letramento proporciona. Cada final não é um término e sim um recomeço. Um ponto final é simplesmente uma vírgula.

6. *Letramento no âmbito da complexus*

Corroborando com as ideias propostas por Fazenda (1994) acerca da interdisciplinaridade, comparamos com a trama de um tecido a ser fiado:

Interdisciplinaridade não é categoria de conhecimento, mas de ação. Seria, parodiando Platão em sua definição de arte política na sua teoria idealista do Estado, a *arte do tecido* que nunca deixa que se estabeleça o divórcio entre os diferentes elementos. Ação política assegurada contra a irrepreensível contingência do real. (FAZENDA, 1994, p. 89).



Fig. 1: Tecido junto. Disponível em: <<http://pt.dreamstime.com/fotos-de-stock-royalty-free-tiras-do-couro-tecido-image23174558>>. Acesso em: 28-06-2015.

A figura retratada demonstra cada fio, que são os saberes, com suas especificidades, formando o tecido. Injuntivamente está o letramento, via interdisciplinaridade, fortificando a trama. O que para Morin (2011) é entendido como *complexus*, é aqui teorizado: elementos constitutivos (econômicos, políticos, sociológico, psicológico, mitológico e afetivo). Todavia, há de se mencionar a complexidade, conferindo a esta, a união entre unidade e a multiplicidade.

O letramento, aliado a interdisciplinaridade, deve em sua essência ser construído em sua totalidade, na busca permanente da melhoria da condição humana.

Se tudo está relacionado e faz parte de uma mesma trama, como pensar o indivíduo fora de seu contexto? Se existe uma teia em que tudo está relacionado, interconectado, o homem constitui um fio particular dessa teia, uma parte de toda trama, uma estrutura dissipadora em interação como seu meio ambiente, um sistema aberto que transforma tudo aquilo que recebe, que ordena e reordena, que tenta criar uma coerência e incorpora o novo. (MORAES, 2012, p. 177)

À luz da maiêutica, a progressão e o avanço na determinação do objeto de pesquisa é o caminho do aprofundamento dessas aberturas.

7. Letramento e os possíveis caminhos dentro da interdisciplinaridade

Entendemos a necessidade de reconstrução da visão política educacional para otimizar a postura do professor em relação ao conhecimento de si próprio e de como lecionar. Segundo Possenti (2004, p. 24), “ter uma concepção clara sobre os processos de aprendizagem pode ditar o comportamento diário do professor de língua em sala de aula”. Por isso, o domínio de uma língua é o resultado de práticas efetivas, significativas e contextualizadas.

Ressaltamos o princípio apontado por Vygotsky (1996) ao discutir os problemas do método, em que a análise psicológica deve incidir sobre os processos nunca entendidos como objetos fixos e estáveis. Não existe nada eterno, fixo, absoluto. Tudo o que existe na vida humana e social está em permanente mudança, tudo é perecível. O professor deve contribuir para o desenvolvimento de uma “pedagogia sensível às diferenças sociolinguísticas e culturais dos alunos”. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 130)

Este é o momento de substituir a ordem disciplinar por uma interdisciplinar. Rever a função docente que se faz indispensável na orfandade

educacional, pois não se produz conhecimento sem práxis da pesquisa e nem pesquisa em ação. Vencer os buracos negros do conhecimento, tratar dos desafios da complexidade, superar a visão determinista, mecanicista, quantitativa e formalista, ainda são questões a serem extirpadas do âmbito socioeducacional.

Para concretização dessa reforma engajamos na afirmação de que serão necessários: rupturas paradigmas tradicionais, religação dos saberes, reforma do pensamento, aprendizagem da complexidade, e por fim, e não menos importante, a constituição da interdisciplinaridade como policompetência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORTONI-RICARDO, Maria Stella. *Nós cheguemos na escola, e agora?* Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.

_____; MACHADO, R. V; CASTANHEIRA, F. S. *Formação do professor como agente letrador*. São Paulo: Contexto, 2010.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério de Educação. *Parâmetros dos currículos nacionais* (PCN). Brasília: MEC, 1999.

Chomsky, N. A linguagem e a mente. In: LEMLE, M.; LEITE, Y. (Orgs.). *Novas perspectivas linguísticas*. Petrópolis: Vozes, 1971

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes; LENOIR, Yves; REY, Bernard. (Orgs.). *Les fondements de l'interdisciplinarité dans la formation à l'enseignement*. Québec: Éditions du CRP, vol. 01, p. 430, 2001.

_____. *Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa*. 11. ed. Campinas: Papirus, p. 14, 1994.

FREIRE, P. *Conscientização*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

KLEIMAN, A. B. Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. *Signo*, vol. 32, p. 1-25, 2007.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2007.

MORIN, Edgar. *Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. *Saberes globais e saberes locais: o olhar interdisciplinar*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

_____. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Trad.: Catarina Eleonora F. da Silva e Jeane Sawaya. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2011.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. *Cadernos de Pesquisas em Administração*, vol. 1, n. 3, 2º sem., 1996.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura e acontecimento*. Trad.: Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 1983.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

_____. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Orgs.). *Por uma análise do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. ed. Campinas: Unicamp, 2001, p. 61-162.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. As muitas facetas da alfabetização. In: _____. *Alfabetização e letramento*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

STREET, B. V. *Literacy in the theory and practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

_____. *Letramentos sociais abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.

TRINDADE, Diamantino Fernandes. Interdisciplinaridade: um novo olhar sobre as ciências. In: FAZENDA, Ivani. (Org.). *O que é interdisciplinaridade?* São Paulo: Cortez, 2008.